
UMA LEITORA DE “DIANA” NO SÉCULO XVI: ENTRE CARTAS, SORTILÉGIOS E SODOMIA

Ana Cecília Rocha Goes¹

RESUMO

Este trabalho visa analisar as condições de vida de uma mulher leitora na sociedade baiana no final do século XVI e o seu contato com o tribunal do Santo Ofício, abordando a temática cultural, na perspectiva da história das mulheres. O processo inquisitorial nº3077, explorado nessa temática, trata do caso de Paula de Siqueira, 38 anos, esposa do contador da fazenda Del Rei na Bahia e moradora da cidade de Salvador. Seu nome entra pela primeira vez nos autos da inquisição em 1591, pela denúncia feita pelo padre Baltazar de Miranda, de que possuía e lia a novela pastoril “Diana”, leitura proibida pelos sensores da inquisição. Dias depois da primeira denúncia, Paula procurou o Santo Ofício e contou do seu envolvimento amoroso com Felipa de Souza, iniciado dois anos antes com trocas de cartas de amor. Através desse documento, juntamente com a leitura crítica de outros autores, procurarei mostrar o aparecimento de sujeitos comuns de carne e osso. Falarei de igual forma, da importância de se perceber o “outro” sem ser somente a “norma”, a “disciplina”, o “castigo”, o “tribunal” e o “inquisidor”. Aparece, assim, não o “anormal”, o “pecador”, “infrator”, mas um ser humano, mulher de carne e osso. O documento ao resgatar um personagem também pode ajudar a entender as mulheres e a sociedade onde estava inserida, procurando buscar sua identidade e o seu mundo, através de suas correspondências, troca de carícias e sexualidade. Para falar das cartas trocadas entre Paula de Siqueira e Felipa de Souza, me apropriarei do termo “escrita de si” de Foucault, mostrando que através das cartas trocadas, o remetente se mostra ao destinatário que é ao mesmo tempo visto pelo remetente, onde mesmo com a distância entre os correspondentes, acabam se encontrando no lugar físico, as cartas. Outro detalhe do documento que deverá ser explorado são os contatos íntimos entre mulheres, Paula e Felipa, a homossexualidade ou sodomia, termo mais apropriado para o final do século XVI. Este trabalho ainda não foi concluído, mais adiante procurarei atentar para a sensualidade no livro Diana, o livro como um prosseguimento das cartas, onde ela se fazia escrevendo, lendo e amando durante dois anos de envolvimento.

Durante três séculos, mudanças nos campos econômicos, político cultural e religioso alteraram as relações entre os sexos feminino e masculino, redesenhando o contorno das mulheres e suas relações com o mundo.

¹ Licenciada em História pela Universidade Federal de Sergipe e membro do grupo de pesquisa do Departamento de História, “Religiões, Religiosidades e Identidade”.

As mulheres sempre estiveram presentes em cenas domésticas, intelectuais, conflituais ou até lúdicas da sociedade. Apesar disso, foram por muito tempo marginalizadas pela história, mas acabaram deixando essa condição aos poucos, devido à atenção dada ao cotidiano, ao individual e ao privado.

Para se escrever a história das mulheres é necessário reconstruir suas atividades no campo das relações, fazendo da relação entre os sexos uma produção social, a partir da qual se faz a história. O novo objeto da história não seria a mulher em si, mas a sua condição, o seu lugar, os seus papéis, as suas formas de ação, o seu silêncio e suas representações, captando suas permanências e mudanças, relacionando-a com a sociedade onde vive.

A história das mulheres surge a partir da década de 1960, e para isso foram fundamentais a explosão do feminismo e as transformações na historiografia. Segundo Joan Scott, no início dessa década as feministas reivindicavam uma história com heroínas, provas da atuação das mulheres e também explicações sobre a opressão por elas vividas.

No início houve uma conexão entre a política feminista e a intelectualidade, mas entre a metade e o final dos anos 70 a história das mulheres se afastou da política e adquiriu energia própria, ampliando seu campo de questionamentos.

Na década de 80 houve o rompimento definitivo com a política e o termo gênero surgiu nos Estados Unidos e passou a ser usado, aparentemente desprovido de qualquer propósito ideológico.

É nessa perspectiva, da história das mulheres, que será analisado o documento central dessa pesquisa. Encontrado na Torre do Tombo, o documento inquisitorial nº 3307 trata do caso da portuguesa Paula de Siqueira, esposa do contador Del Rei Antônio de Faria e moradora da cidade de Salvador.

Seu nome entra pela primeira vez nos autos da inquisição com a denúncia do padre Baltazar de Miranda de que possuía e lia a novela pastoril “Diana”, de Jorge de Montemor. Dias depois de ter sido denunciada, Paula procurou o Santo Ofício e contou de

seu envolvimento amoroso com Felipa de Souza, que havia durado dois anos, com trocas de carícias e cartas.

Segundo Paula, depois desses dois anos, ela e Felipa tiveram um contato mais íntimo em um dia de domingo na sua casa. Falou também de seu contato com a bruxaria, tanto quando ainda morava em Portugal, com o objetivo de amansar o marido, quanto no Brasil, quando procurou Isabel Roiz, conhecida como Boca-torta, pedindo-lhe feitiços para o mesmo fim.

O documento, ao resgatar um personagem, também pode ajudar a entender as mulheres e a sociedade onde estavam inseridas, procurando buscar o seu mundo através de suas correspondências, troca de carícias e sexualidade. Isto quer dizer que estamos diante de um universo fascinante dessa leitora de “Diana”, que não tardaria em verificar a semelhança entre suas atitudes, condenadas pela igreja, e a dos personagens do livro que possuía e gostava tanto de ler.

Seu caso ganhou visibilidade em Salvador pelo fato de ser casada com um funcionário da administração real e por suas atitudes não condizentes ao estereótipo de uma mulher branca nobre, de quem se esperava o recato, pois sua educação era voltada para o casamento e para as atividades que deveria desempenhar como mãe e esposa.

Segundo Leila Mezan, a mulher era uma figura indispensável no interior dos domicílios do período colonial, pois era responsável pela administração de suas casas, o trabalho feminino consistia inteiramente na ocupação doméstica. Os moralistas que escreviam lições exemplares no período colonial e todos que se preocupavam com a educação feminina, afirmavam que elas deveriam se ocupar com os serviços domésticos para evitar a ociosidade e, por conseguinte, os maus pensamentos e ações.

Os trabalhos recentes sobre a família no período colonial, como as obras “Trópicos dos pecados”, de Ronaldo Vainfas e “Sistema de Casamento no Brasil colonial”, de Maria Beatriz Nizza, apontam várias práticas que se inserem no mundo de contravenções às

normas impostas pela igreja e pelo Estado. Através desses estudos foram encontrados nos livros paroquiais e notariais casos de adultérios, filhos ilegítimos, entre outros.

No período colonial essas práticas incomodavam os moralistas, os padres visitantes, além dos representantes do governo metropolitano, que viam no matrimônio uma maneira de incentivar o povoamento das novas terras. Apesar disso, os colonos continuavam a se comportar de forma que não se enquadravam no modelo moral aceito pelas instituições, como a Igreja Católica.

Segundo Vainfas, a partir de meados do século XVI, na Península Ibérica, diversos crimes morais passaram da alçada eclesiástica para a esfera inquisitorial. Foi o caso da bigamia, sodomia, da bestialidade, de certas incontínências clericais e de algumas proposições verbais que ofendiam as regras morais da igreja. O Santo Ofício voltava-se para a detecção do herege, e como tribunal da fé era encarregado de descobrir os desvios da alma, que consistiam em escolhas de caminhos opostos aos dogmas oficiais da Igreja Católica.

O Santo Ofício se interessava pelos erros de doutrina, atitudes ou comportamentos que implicavam suspeita de heresia, onde o indivíduo insistia em fazê-lo, procurando maneiras de burlar a disciplina normatizadora da igreja. Assim, interessava à igreja, ainda que no campo da moralidade e do erotismo, os indivíduos que escolhiam as doutrinas ou modos de viver, não por tentação demoníaca, hostis aos preceitos do catolicismo.

O tribunal também transformou atos sexuais ou moralidades cotidianas em matéria herética, vendo desvio de fé onde só existia desejo, como é o caso da sodomia. Havia também, desejos e costumes socialmente inseparáveis da religiosidade popular: um exemplo disso era o hábito de homens e mulheres que diziam as palavras sacras na boca do amado durante o ato sexual, com o objetivo de amansá-lo e conquistá-lo. Assim eram as diferentes modalidades de magia erótica, que entrelaçava o sagrado e o profano.

Paula é um exemplo de “desvio” da norma, como acima fizemos referência. Como não temos documentos que nos tragam minúcias de sua trajetória de vida em Portugal e no Brasil, devemos explorar o processo de inquisição de que ela foi vítima. Uma das pistas que consideramos importante nesse processo é quando se faz referência à troca de correspondências entre ela e Felipa de Souza.

Para isso irei me apropriar do termo “escrita de si”, de Foucault, que afirma que a escrita epistolar é uma maneira de se manifestar a si próprio e aos outros, fazendo com que o escritor fique na presença daquele a quem a carta foi dirigida. Essa presença não seria apenas pelas informações acerca de sua vida, mas seria uma espécie de presença quase física.

A carta é um espaço preferencial para a construção de redes e vínculos que possibilitam a conquista e a manutenção de posições sociais e afetivas. No caso de Paula as cartas trocadas com Felipa durante dois anos, funcionavam como uma espécie de cortejo, onde trocavam intimidades, onde se seduziam mutuamente, para que depois dos desejos externados pudessem se dar ao deleite.

Outro aspecto percebido no documento a ser explorado são os contatos íntimos entre mulheres, a homossexualidade ou sodomia, termo mais apropriado para o período, já que o termo homossexualismo surge no século XIX. Sabendo dos desejos que Felipa já lhe externara até por escrito, Paula convidou-a para seu quarto e ali manteve atos sexuais confessadamente deleitosos o dia inteiro. Depois disso nunca mais se encontraram.

A palavra sodomia tem sua origem no antigo testamento, quando é narrada no Gênesis a destruição divina de Sodoma. As raízes da associação entre o castigo de Sodoma e as relações sexuais entre homens, está no relato do Antigo Testamento, em que Lot se recusa a oferecer aos moradores da cidade, os dois anjos que eram seu hóspedes. Os desejos sexuais que fez com que esses moradores forçassem a porta daquele hebreu em busca dos hóspedes.

No Levítico, relações sexuais entre dois homens como se um fosse mulher, era considerado abominável. São Paulo, na carta aos Romanos, considera torpe a sensualidade de homens com homens e foi o primeiro a usar o termo sodomia. O coito anal é considerado um ato sodomítico por natureza. Entre a cópula anal e a homofilia sexual, assim oscilavam os sábios da cristandade na definição da sodomia.

A noção de sodomia tangenciava o domínio do homoerotismo, mas havia dúvidas quanto aos diferentes procedimentos que deveriam ser tomados pelo tribunal do Santo Ofício, no que diz respeito à sodomia praticada entre homens e entre as mulheres. A dúvida residia principalmente nos casos femininos, onde não havia o derramamento do sêmen no vaso posterior. Essa dúvida aumentava ainda mais, pois os inquisidores acreditavam que a vagina era imprópria para a efetuação do crime, que para ser perfeito precisaria da penetração anal. Até a segunda metade do século XVII, a inquisição portuguesa não julgava casos de sodomia, com exceção de alguns processos movidos por Heitor Furtado de Mendonça, na sua visita ao nordeste.

O aspecto seguinte a ser analisado no documento são os experimentos de feitiçaria e o contato de Paula com a feiticeira Boca Torta. Como as demais mulheres do seu tempo, Paula fez uso de sortilégios e orações para amansar o marido ou fazê-lo querer-lhe bem. A Isabel Roiz, uma bruxa conhecida como Boca Torta, pediu “cartas de tocar”² e orações que nomeavam estrelas e diabos, com o fim de aquietar o marido.

Segundo Stuart Clark, entre os séculos XVI e XVII, a maioria dos casos de feitiçaria investigados pelo tribunal da inquisição, foi contra mulheres que haviam praticado rituais amorosos ou eróticos, ou encantamentos. A acusação de bruxaria aumentou nesse período, mas isso não ocorreu pelo fato de as mulheres serem mais acusáveis naquele período, mas sim por razões intrínsecas à cultura do período que viam as coisas dessa maneira. (CLARK: 2006, p. 160).

A chave para perversidade das mulheres residia nos seus apetites carnis, pois eram mentalmente fracas, de comportamento instável, criaturas imperfeitas de quem só

poderia se esperar o mal e a depravação. Para saciar sua luxúria as mulheres se consorciavam com o demônio, pois a bruxaria viria da luxúria carnal.

No período colonial era muito comum sortilégios para amansar maridos, como as orações amatórias, nos filtros e nas mesinhas encantadas. Entre os sortilégios mais usados, estava o costume de dizer na boca do esposo, em pleno ato sexual, as palavras da consagração da hóstia. Acreditava-se que dessa forma pudesse amansar ou prender os parceiros sexuais. O sagrado invade o profano, as palavras eucarísticas podiam adocicar os deleites sexuais, intercalando-se com os gemidos de prazer.

Outras mulheres procuravam as bruxas, solicitando-lhes fórmulas de “bem querer”, vinculadas ao “baixo corporal”. Em uma delas, a esposa deveria furtar três avelãs, furá-las e preencher o buraco com cabelos de todo seu corpo, unhas, raspaduras da sola dos pés e uma unha do dedo mínimo da própria bruxa. Feito isso deveria engolir tudo, ao lançá-lo “por baixo”, misturar no vinho do marido. (VAINFAS: 2006, p.127)

Mas como já foi dito, Paula não tardaria em perceber as semelhanças entre seu comportamento e o dos personagens do livro que possuía e tanto gostava de ler. Diana é um romance pastoril de Jorge de Montemor, publicado pela primeira vez em 1559, com o título “Los Siete Libros de Diana”. O autor pertence a um grupo de escritores do século XVI, que utilizam o bilinguismo português e castelhano nas suas composições, assim como Gil Vicente³, Camões⁴, entre outros. Montemor foi um herdeiro do espírito humanista.

Na obra “Diana” o autor trata de temas amorosos, bem como põe a mulher numa posição nova, que não implicava mais em abandono e silêncio. Segundo Nuno Júdice, a obra “Diana” é um livro chave no despertar da “imaginação romanesca europeia”. Esse livro trata da história de três personagens centrais, que são a pastora Diana e os pastores Sireno e

² Formula mágica para garantir conquistas amorosas.

³ Gil Vicente, cuja obra foi difundida em Portugal nas três primeiras décadas do século XVI, representa o passo decisivo da laicização da cultura portuguesa. Voltou-se para os homens e para a sociedade portuguesa em sua enorme diversidade de classes e grupos sociais. Entre suas obras estão: “O velho da horta”, “Auto da Índia” e “Farsa de Inês Pereira”.

⁴ Todo conhecimento literário, filosófico, histórico, político e geográfico, foi aproveitado como matéria-prima para escrever seus poemas líricos e principalmente sua obra épica “Os Lusíadas”, principal expressão do Renascimento português.

Silvano. Diana e Sireno amavam um ao outro e Silvano amou-a ao mesmo tempo sem ser correspondido.

Sireno, porém, teve que sair do reino por um tempo a trabalho. Durante sua ausência de um ano, os sentimentos de Diana mudaram, casando-se ela com o pastor chamado Délio. Quando retornou com grande desejo de ver sua pastora, Sireno soube que ela havia casado. A partir dessa volta começa um complicado xadrez de relações afetivas e amorosas, envolvendo outros personagens que se distinguem pela autenticidade de seus sentimentos.

Essa obra critica as regras morais e instituições como o casamento, o que o tornou alvo da censura inquisitorial. No livro também são encontradas intrigas envolvendo ninfas, além de sortilégios, como filtros amorosos. Há também um conflito que resulta na subversão hierárquica, sexual ou religiosa. O primeiro ato condenado pela igreja presente no livro a ser aqui tratado, dizem respeito à subversão sexual, quando as aproximações se faziam sem ter em conta o sexo, como as paixões de Selvágia e Ismênia.

Selvágia, ao se encontrar com Silvano e Sireno, conta como foi o início de toda sua tristeza, indo ela a uma vigília de pastoras no templo da deusa Minerva, com suas amigas, sentou-se ao seu lado uma pastora que não tirava seus olhos do dela. Contando, disse ela aos pastores: “E de cada vez que me distraía a pastora não tirava os olhos de mim; e tanto que mil vezes estive para lhe falar, apaixonada por esses formosos olhos que eram só o que dela se via”(MONTEMOR: 2001, p. 45).

Selvágia se apaixonou por Ismênia, mesmo depois que esta lhe contou que era um homem disfarçado e que se chamava Alânio, o que era mentira, pois este era seu primo. Ismênia estava se passando por ele devido a sua aparência varonil e à semelhança entre os dois. O envolvimento entre duas mulheres nesse caso é atenuado porque Ismênia se fez passar por Alânio, mesmo assim quando Selvágia se aproximou dela imaginava que fosse uma mulher, e nem por isso deixou de se apaixonar por ela.

Outro aspecto importante encontrado no livro diz respeito ao desprezo à hierarquia social, quando pastores e pastoras se ligam para além de suas categorias sociais. Essa subversão é vista primeiramente na obra no amor de Sireno e Diana, quando o autor deixa claro no início da narrativa o descontentamento da família de Diana em relação a esse romance. Isso pode ser percebido na fala de Sireno: “com abundante lágrimas muitas vezes ela me jurava que não havia coisa no mundo, nem vontade de pai, nem persuasão de irmão, nem importunidade de parentes que a desviassem de seu propósito.”(MONTEMOR, 2001, p. 20).

O caso de Diana também mostra como o casamento é posto em causa nessa obra. Diana quando casa com Délio, não o faz por amor e sim por obrigação, o que faz com que não seja feliz no casamento. Em uma passagem da obra, Sireno pergunta a Silvano se Diana é feliz. Ele lhe responde:

Alguns dizem-me que não, respondeu Silvano, e não me admira pois, como sabes, Délio, seu esposo, embora seja rico de bens da fortuna, não o é dos da natureza, que nisto de disposição anda bem mal; e quanto as coisa que nós, pastores, apreciamos, como tocar música, cantar, lutar, jogar o pau, bailar com as moças ao domingo, nasceu só para as olhar. (MONTEMOR, 2001, p. 35)

Um aspecto nesse romance, que pode identificá-lo com as atitudes de Paula, sua leitora, além do envolvimento entre mulheres, é a presença de sortilégios, como os filtros amorosos para curar o mal de amores usados por Felícia, uma espécie de feiticeira. Isto pode ser visto nesse episódio em que as ninfas afirmam: “Vivemos na selva de Diana, onde habita a sábia Felícia, cujo ofício é dar remédio às paixões enamoradas”. (MONTEMOR: 2001, p. 96).

Como foi visto, o romance “Diana” narra a história de homens e mulheres que acabam praticando atos que eram condenados pela sociedade da época, pela igreja, e ainda colocava a mulher numa posição diferente da permitida pela sociedade. Podendo fazer escolhas, essas mulheres acabavam escolhendo com quem iriam se casar, apesar de em alguns casos terem cedido às exigências da família.

Talvez por isso Paula tenha se identificado tanto com esse livro, afinal nele via atitudes que costumava praticar em seu cotidiano, como seu romance com Felipa, os sortilégios para amansar o marido, ou até mesmo as cartas de amor que trocava com Felipa. Ela lia não para desafiar a sociedade e a igreja, mas por achar que não havia nada demais naquilo, assim como também nas práticas do seu cotidiano, condenadas pelo tribunal do Santo Ofício.

REFERÊNCIAS

ANTT, **Inquisição de Lisboa**, processo nº 3307: Paula de Siqueira. MONTEMOR, Jorge. **Diana**. Trad. Nuno Júdice. Lisboa: Editora Teorema, 2001.

BELLINI, Ligia. **A coisa obscura: mulher, sodomia e inquisição no Brasil colonial**. São Paulo: Editora brasiliense, 1989.

CLARK, Stuart. **Pensando com demônios: A ideia de bruxaria no princípio da Europa moderna**. Trad. Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2006.

FOUCAULT, Michel. Escrita de si. In **O que é um autor?** 4ª ed. Lisboa: Vega, 2002.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: A título de prólogo. In: _____ (org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

MEZAN, Leila. Famílias e vida doméstica. In: SOUZA, Laura de M. (org). **História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

NOVISK, Anita. **A inquisição**. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: Operários, mulheres e prisioneiros**. São Paulo: paz e terra, 1988.

SCOTT, Joan. História das mulheres, In: BURK, Peter(org) **A escrita da história: Novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

PIERONI, Geraldo. **Os excluídos do Reino: a Inquisição portuguesa e o degredo para o Brasil colônia**. Brasília: EdUnB, 2000.

SACRAMENTO, Sandra. O amor em terras brasileiras. **Revista estudos feministas**. Florianópolis, nº 01, p. 20-27, Janeiro/Abril, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados: Moral, sexualidade e inquisição no Brasil**. Rio de Janeiro: Campos, 1989.

_____. Homoerotismo feminino e o Santo Ofício. In: PRIORI, Mary Del (org) **História das mulheres no Brasil**. 8ª ed. São Paulo: contexto, 2006.